

APOIA A S. R. B. A «CAMPANHA DE CAFÉS FINOS»

Os srs. diretores, conselheiros e associados da Sociedade Rural Brasileira, após a reunião em que se prestou significativa homenagem ao coronel Francisco de Paula Soares Neto, presidente da Junta Administrativa do IBC, promoveram sua reunião semanal, sob a presidência do dr. Renato Costa Lima, contando com a presença do sr. Pio da Silva, representante do embaixador Assis Chateaubriand, no torneio que se reinicia para produção de cafés de fina qualidade.

DIGNA ATUAÇÃO EM BENEFÍCIO DO CAFÉ

O dr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque, diretor do Departamento de Café da SRB, na oportunidade, saudou o sr. Pio da Silva, gerente do Banco do Brasil, em Catanduba, e elogiou a sua atuação a frente daquele estabelecimento de crédito, onde o produtor, mercê de seu entusiasmo pelos assuntos ligados à agricultura sempre encontrou o amparo creditício de que necessitava, transformando assim, graças a isso, aquela zona numa das mais prosperas do Estado.

O sr. Pio da Silva — continuou — lançador do famoso «Movimento de Catanduba», ou seja a Campanha que visa a melhoria da qualidade do café, visita esta Casa em nome de s. exa. o embaixador Assis Chateaubriand para trazer os cumprimentos daquele ilustre brasileiro, que, embora preso ao leito, não esquece um só momento dos assuntos ligados à cafeicultura e, por isso, recebe o apoio da entidade à Campanha de Cafés Finos, que os «Diário e Emissoras Associadas» estão levando a efeito novamente no país.

COLABORAÇÃO DA SRB

Congratulou-se o dr. Renato Costa Lima, com os cafeicultores do Brasil, pelo reinício dessa patriótica campanha, declarando que a Sociedade Rural Brasileira crecheia de braços abertos o representante do embaixador Assis Chateaubriand, e que prestigiará, por todas as formas e junto a toda a cafeicultura, mais essa feliz iniciativa. Concluiu por afirmar que, infelizmente, na última safra, o sistema de comercialização colocou por terra todo esse esforço que havia feito a cafeicultura brasileira e outras, e que ficou estareado quando viu um finíssimo café de Mococa vendido pelo mesmo preço de um de inferior qualidade.

NÃO DEVE SE REPRODUZIR ESSA POLÍTICA

O sr. Antonio Bento Ferraz, a propósito, declarou que não há dúvida de que a entidade deve prestigiar a Campanha de melhoria da qualidade e o esforço patriótico do embaixador Assis Chateaubriand, desde que o IBC não volte a comercializar a safra futura nos moldes da última, que trouxe completo destímulo à cafeicultura e que só benefícios os mais produtores». Confessou, a seguir, que, «para não sofrer maiores prejuízos teve que orientar a sua produção — e que sempre foi da mais fina qualidade — da forma como vinha sendo feita pela maioria, ou seja, misturar cafés de fina qualidade com artigo bem inferior».

«Assim — finalizou — se voltar a ocorrer esse desastre, é preciso que a SRB proteste por todos os meios ao seu alcance e impeça, inclusive por medidas legais, que a legítima cafeicultura seja mais uma vez prejudicada».

FALTA DE ESTÍMULO

Abordado pela reportagem ao término da reunião, o sr. Antonio Bento Ferraz, proprietário da Fazenda S. Bento, em Valinhos, onde se iniciou, efetivamente, a experiência de renovação cafeeira em nosso Estado, acompanhado mais tarde por Luis Emanuel Bianchi, Mario Rolim Telles, Dario M'elles e outros, adiantou: «Por falta de maior estímulo e justa compreensão, os cafeicultores, que já sofrem todas as restrições, foram obrigados por questões econômicas, a beneficiar os seus cafés em «bica corrida», porque em assim



que o desejavam, e, por essa razão, uma safra que não podia ir além de 20 a 22 milhões de sacas passa hoje dos 26 milhões, Prejudicamos nos financeiramente, prejudicamos nos estatisticamente, e, além disso culpamos o café de inflacionário. Oxalá possamos, na safra do ano em curso, ter um Regulamento de Embarques que beneficie a cafeicultura e o país — concluiu.

PLANTAR FLORESTAS: OCUPAÇÃO EMPOLGANTE NOS ESTADOS UNIDOS

A. DE MIRANDA BASTOS
(Naturalista do M. A.)

Diversas excursões foram preparadas com o fim de proporcionar aos participantes do Quinto Congresso Florestal Mundial uma visão das florestas e indústrias florestais dos Estados Unidos, e, de um modo geral, da natureza e da vida do povo. Uma delas teve como itinerário um circuito de 1.500 quilômetros, pelos Estados de Nova York, Connecticut e Massachusetts, na extremidade norte da região Leste, que, na época da chegada de Colombo à América, era uma floresta virgem em quase toda a extensão.

Mas os pioneiros precisavam de madeira para a construção de suas casas e dos seus fortes, e para queimar nos seus fogões e lareiras. Precisavam também de áreas para a lavoura e o gado. Em seguida veio a primeira serraria, em 1623, a que outras se seguiram. E a partir de 1866 começaram a aparecer as fábricas de papel. Dessa forma, pouco a pouco as matas foram desaparecendo e, quando os administradores perceberam, desertos é que existiam em muitos dos lugares que antes eram florestas.

O trabalho de recuperação começou há uns cinquenta anos apenas, mas adquiriu tal desenvolvimento nos últimos tempos que já conseguiu restaurar toda a fisionomia da região. Para dar o exemplo e a maior intensidade ao trabalho, o Governo Federal e os governos dos Estados fizeram-se os principais reflorestadores. Compraram as áreas florestais que puderam, para protegê-las da devastação, bem assim, velhas fazendas que os donos haviam abandonado porque não lhes davam mais uma produção compensadora, para nelas fazerem plantações florestais. E por todos os meios possíveis, o povo foi sendo ensinado a respeito do que era preciso fazer.

Hoje, graças à intensa campanha desenvolvida em todo o país, os Estados Unidos podem orgulhar-se de apresentar no seu conjunto o índice mais satisfi-

fatório de cobertura florestal para um país de numerosa população: 34%. O reflorestamento no Estado de Nova York foi desenvolvido com tal vigor que só lá possui 47% de florestas.

Em Albany, a Capital do Estado, as dependências do Departamento de Conservação, a que são subordinadas as atividades florestais, ocupam um grande edifício de vários andares, o seu principal viveiro, em Saratoga, produz anualmente 24 milhões de mudas.

Estas saem por uns 10 dólares o milheiro, acondicionadas com musgo em pacotes de papel impermeável com 1.000 unidades, mas são vendidas pela metade, a título de colaboração oficial. Cada comprador recebe instruções sobre como deve plantar e assina um papel obrigando-se a usar êle mesmo esse material.

No Brasil, cinco regiões precisam urgentemente dum intenso trabalho de reflorestamento: a área do pinheiro brasileiro, São Paulo, o vale da Paraíba, o Espírito Santo e o Nordeste. Havendo um belo começo de reflorestamento em São Paulo, com eucaliptos e com coníferas exóticas, bem assim no Nordeste, com a algaroba, bastará dar-lhes maiores recursos para que progridam em ritmo compatível com as suas necessidades. O drama está nas outras três áreas, e sua solução não pode mais ser retardada. As famosas reservas de pinheiro esgotam-se com rapidez alarmante; o Espírito Santo já vendeu o que podia de jacarandá, peroba, cedro e jequitibá; o vale da Paraíba é essa sucessão de encostas peladas que a gente vê quando vai de carro a São Paulo. O Quinto Congresso Florestal Mundial revelou ser preciso que os países que ainda não o fizeram culdem com urgência de proteger as suas terras contra o perigo da destruição das florestas. E entre os que menos atenção estão dando a essa ameaça se encontra o Brasil.